O som de Minas

Eduarda Brandão*

A poesia e a sonoridade da música mineira chegam ao palco do Clube do Choro de Brasília hoje, com o espetáculo *Viva Minas*. O show reúne o pianista, cantor e compositor Telo Borges e a banda Ventos Solares em uma celebração ao legado do Clube da Esquina e às composições que marcaram a música popular brasileira. O show começa às 20h30 e percorre clássicos do movimento, além de canções autorais de Telo.

Irmão dos músicos Lô Borges e Márcio Borges, Telo cresceu em meio aos encontros musicais que deram origem a um dos movimentos mais importantes da MPB. Sua relação com o Clube da Esquina começou ainda na infância, quando, aos 10 anos, participou de gravações ao lado de Milton Nascimento e Clementina de Jesus, nos estúdios da gravadora Odeon, no Rio de Janeiro.

No espetáculo em Brasília, o músico promete uma imersão em seu repertório, com destaque para as participações autorais na obra do irmão Lô Borges, além de canções ligadas a Beto Guedes e Milton Nascimento. Entre as composições que integram sua trajetória estão *Vento de Maio*, *Tristesse* e *Voa Bicho*.

A parceria com a Ventos Solares tem raízes antigas. Segundo Telo, a aproximação começou durante o período em que ambos integravam a banda de Beto Guedes. Na época, ele dividia os teclados com Renato Vasconcellos, integrante do grupo brasiliense. "Nosso entrosamento era facilmente percebido pelo público e hoje a gente se reencontra para celebrar essa parceria e amizade com muita alegria", conta.

Vocalista da Ventos Solares e produtor do evento, Clausem Bonifácio explica que a proposta do espetáculo é destacar as particularidades da música produzida em Minas Gerais, muitas vezes reconhecida apenas como parte de um repertório amplo da MPB. Para ele, o Clube da Esquina representa uma identidade musical própria, construída a partir do encontro de diferentes influências.

"O que foi feito nesse período, no começo dos anos 1970 até o começo dos anos 1990, principalmente nos anos 1970, que é o ápice desse movimento do Clube da Esquina, tem características muito próprias", afirma Clausem. O produtor destaca a combinação entre Bossa Nova, rock, música nordestina e elementos da tradição religiosa do interior mineiro, como as novenas e a música sacra. "Ela é sofisticada e, ao mesmo tempo, muito simples e muito regional. Por isso que ela é tão universal", resume.

A escolha do Clube do Choro como palco da apresentação também tem um significado especial. O produtor destaca a tradição e a curadoria do espaço, que já recebeu importantes nomes da música brasileira e internacional. "É muito importante você tocar em um lugar que o público já reconheça como um lugar legal, que a gente não tenha que convencer ninguém a ir ao Clube do Choro", avalia.

***Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco**



DIVULGAÇÃO

Telo Borges: em conexão antiga com o irmão Lô Borges

SERVIÇO

Viva Minas

Hoje, às 20h30, no Clube do Choro de Brasília. Ingressos a partir de R$50 na Bilheteria Digital.



HELDER BRUNO

Papangu traz a turnê de seu novo álbum, *Celestial*, para Brasília

O rock analógico da Papangu

Maria Carolina*

Assim como as roupas de retalho da tradicional figura mascarada carnavalesca do agreste de Pernambuco, o rock progressivo fundido com MPB, metal extremo, zeuhl, ciranda e forró da banda Papangu encontra o palco da Infinu Comunidade Criativa, às 21h, deste domingo.

Criada em 2012, na capital da Paraíba, Papangu é um dos principais nomes do rock progressivo da cena nordestina. Fundadora do subgênero rock troncho ou hermetocore, a banda tem dois álbuns de estúdio em sua trajetória: *Holoceno* (2021) e *Lampião rei* (2024). Após 16 apresentações com seu terceiro álbum, *Celestial*, Papangu retorna à cidade com as aclamadas 10 faixas do novo projeto.

Em uma era digital, *Celestial* é uma ode à produção inteiramente humana. Gravado em uma fita magnética de duas polegadas ao longo de nove dias, o processo de construção do álbum rejeitou computadores, plugins e artifícios digitais, emergindo, assim, com ruídos, texturas e variações dinâmicas. "O que faz a arte impactar quem a experimenta são as imperfeições, ambiguidades e incertezas. Vale para o cinema e vale para qualquer outra arte, inclusive a música popular ou erudita. Música que é totalmente formulaica passa reto do artístico, é apenas entretenimento, produto da indústria cultural", ressalta Marco Mayer, integrante da banda.

Apesar da mistura de ritmos, a harmonia do álbum é caracterizada por elementos musicais que vão para além dos gêneros formadores da sonoridade da obra. "No *Celestial*, por exemplo, quase todas as músicas começam apresentando elementos que vão se desenvolver ao longo da composição até culminar em seções mais complexas, pesadas e eletrizantes, seja qual for o gênero musical ao qual aquela música mais se aproxima. Outras semelhanças são os timbres, as linhas melódicas e o campo léxico das letras", afirma Rodolfo, integrante da banda.

O show na capital é o quarto encontro de Papangu com os brasilienses. E, assim como a música da banda, a relação da cidade com o grupo é marcada pela mesclagem do público. "É uma das cidades em que vemos a maior mistura de gerações, gostos, origens e interesses em nossas circulações. Dos mais velhos aos mais novos, dos headbangers aos jazzistas e dos novos aos antigos seguidores da banda", destaca Rodolfo.

***Estagiária sob supervisão de Severino Francisco**

SERVIÇO

Papangu na Infinu

Domingo, a partir das 21h, na Infinu Comunidade Criativa (CRS 506,bloco A, loja 67). Ingressos a partir de R$ 50 + taxa do Shotgun.